

Pobreza cairá quase um terço entre 2003 e 2008

Quarta-feira, 6 de agosto de 2008 - 09h39m - Estudo abrange seis regiões metropolitanas: Recife, Salvador, SP, Porto Alegre, BH e RJ.

Entre 2002 e 2008, IPEA estima queda de 3 milhões de pobres nessas regiões.

Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) divulgado nesta terça-feira (5), elaborado com base nos dados nos dados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (Pnad), informa que a taxa pobreza caiu de 35%, em 2003, para 27,1% em 2006.

Para 2008, a estimativa do IPEA é que chegue aos 24,1%. Entre 2002 e 2008, a projeção é de 3 milhões de pessoas deixem a pobreza - nas regiões pesquisadas.

O documento define como "pobre" todas as pessoas com renda per capita igual ou inferior a meio salário, isto é, R\$ 207,50. Indigentes, por sua vez, são aqueles que recebem menos de 1/4 do salário mínimo, ou R\$ 103,75. Pessoas ricas, segundo o IPEA, são aquelas pertencentes a famílias cuja renda seja igual, ou maior, do que 40 salários mínimos, ou R\$ 16,6 mil por mês.

"Ou seja, uma redução de quase um terço da pobreza em termos proporcionais", informa o estudo do IPEA. O estudo informa ainda que a chamada "indigência" deverá cair ainda mais do que a pobreza entre 2003 e 2008 (projeção): 48,3%. "A indigência segue no mesmo ritmo e, em termos nominais, sua participação na população cai para a metade", diz o documento.

Para o presidente do IPEA, Márcio Pochmann, a pobreza está caindo no Brasil por conta do crescimento da economia, do aumento do salário mínimo, dos programas sociais do governo (como Bolsa Família) e dos incentivos à agricultura familiar.

"Quando temos como referência os dois extremos [ricos e pobres], verificamos que está aumentando a chamada classe média emergente", disse ele. Pesquisa divulgada nesta terça-feira pela FGV mostra que a classe média já é maioria no Brasil.

Ricos

O estudo mostra que os considerados "ricos", por outro lado, mantiveram um patamar estável entre 2003 e o valor estimado para 2008. Em 2003, o percentual de pessoas pertencentes às famílias ricas caiu de 1% para 0,8%, uma queda de 20%. Em 2007, estava no mesmo patamar de 0,8% e, segundo o IPEA, deve manter essa participação neste ano.

Em termos quantitativos, porém, haverá um aumento de 127 mil ricos no Brasil entre 2002 e a estimativa do IPEA para o fim deste ano (476 mil pessoas ao todo). "Isso acontece porque os ganhos de produtividade das empresas não estão sendo repassados plenamente para os salários", avalia Pochmann.

Ele explicou que a metodologia da pesquisa considera apenas a renda oriunda do trabalho. Deste modo, não engloba rendimentos de aplicações financeiras, poupança e investimentos em bolsas de valores, por exemplo. O crescimento do número de ricos, portanto, pode ser maior do que o apontado pela pesquisa. Segundo Pochmann, a renda do trabalho representa 39,1% de toda a renda nacional.

Regiões

metropolitanas Os dados do IPEA consideram seis regiões metropolitanas do país. São elas: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador e Porto Alegre. Segundo o presidente do IPEA, Márcio Pochmann, essa "amostragem" representa 25% da população do país e 2/5 do Produto Interno Bruto (PIB).

A maior queda na pobreza, neste caso entre 2002 e 2008 (projeções), segundo o documento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, foi observada na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), onde o número de pessoas pobres cairá de 38,3% da população em 2002 para 23,1% da população em 2008 - segundo estimativas.

"As regiões metropolitanas que apresentam as maiores taxas de pobreza no período analisado foram as regiões de Recife e Salvador, onde a estimativa para 2008 indica, respectivamente, 43,1% e 37,4% de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza", informa o estudo do IPEA.

Segundo o documento, São Paulo e Porto Alegre estão na outra ponta, ou seja, com as menores taxas de pobreza estimada para 2008: de 20,7% e 20% respectivamente.

O estudo informa ainda que, nas seis regiões metropolitanas pesquisadas, o percentual de pobreza caiu de 18,6% em

2003 para 16,8%, do total do país, em 2006. Ao mesmo tempo, os considerados "ricos" mantiveram seu percentual no total do país entre 2003 e 2006: 42,6%.